
Brecht, Bertolt. *A Santa Joana dos Matadouros*. Tradução e apresentação de Roberto Schwarz. São Paulo: Cosac Naify, 2001 (1.^a reimpressão 2009), 218 p.

Nos últimos tempos, a cidade de Chicago tem ganhado nova fama por ter sido o lugar da formação política do fenômeno Barack Obama, além de figurar como uma das cidades com mais alto padrão de vida do mundo. Mas, sobretudo, é preciso considerar a grave crise em que se encontra o capitalismo mundial, num caminho de não retorno. Esses elementos, aparentemente díspares e bizarros, justificam a reimpressão, que acaba de sair pela Cosac Naify, de uma peça histórica do século XX: *A Santa Joana dos Matadouros (Die Heilige Johanna der Schlachthöfe)*, do dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956), em primorosas tradução e apresentação de Roberto Schwarz.

A peça brechtiana, escrita entre 1929 e 1931, tem como pano de fundo o meio operário e industrial de uma Chicago na

véspera e durante a eclosão da grande crise econômica de 1929. São protagonistas dela o “Rei dos Frigoríficos”, Pedro Paulo Bocarra (Pierpont Mauler na versão original em alemão), seu corretor Slift, outros industriais do setor de carne em conserva, trabalhadores, criadores de gado, entre outras personagens representativas desse quadro social; e, principalmente, Joana Dark, a “Santa Joana dos Matadouros”, a nova Joana D’Arc. Ela sucumbe depois de um progressivo e radical processo de conscientização, passando do ativismo religioso e filoburguês junto às “Boinas Pretas”, espécie de Exército de Salvação, ao laicismo desesperado ao lado dos operários desapropriados do direito ao trabalho e de uma consciência coletiva. Tal processo pode sintetizar-se na expressão iterativa inicial, “Eu quero saber”, e na polêmica advertência final: “Por isto se alguém aqui embaixo diz que Deus existe/Embora não esteja à vista/E que invisível é que ele ajuda/ Deviam bater na calçada a cabeça desse alguém/ Até matar” (p. 188). Contudo, como citado no panorama crítico que completa a edição da Cosac Naify, com seleção de textos por parte de

Roberto Schwarz e a tradução de Samuel Titan Jr. e Jorge de Almeida, Brecht explicaria: “Então se verá que ela de forma alguma fala sobre Deus, mas sim sobre o que se fala de Deus (...). Ela fala justamente daqueles discursos segundo os quais Deus não precisa ter incidência no âmbito social. (...) A fé aqui recomendada é uma fé sem consequências no que toca o mundo que nos cerca, (...) e recomendá-la é considerado por Joana um delito social” (p. 200).

As contradições e as implicações das figuras representadas nesse drama, que, logo, se torna uma verdadeira parábola das próprias distopias do sistema capitalista e burguês, encontram uma forma eficaz de expressão na particular técnica de escrita. A língua usada, ora culta, ora trivial, é modulada magistralmente por Brecht numa alternância e mistura de registros paródicos oriundos da tradição alemã, que jogam com o reverso das personagens e das situações; acompanhado, dessa forma, a fuga deles de quaisquer tentativas de identificação espontânea pelo leitor/espectador (traço marcante da revolução teatral brechtiana). O processo tradutório, portanto, teve que enfrentar esse grande desafio. Escreve

Roberto Schwarz na introdução: “A *linguagem*, agressivamente artificial e heterogênea, força a promiscuidade de estilos verbais com repugnância recíproca. Ela é calcada, entre outros modelos, na realidade sangrenta e comercial dos matadouros; em momentos escolhidamente sublimes da lírica alemã (a dicção helenizante de Hölderlin e Goethe, o clima final do segundo *Fausto*, a interioridade exaltada do expressionismo); na terminologia da especulação financeira; na sobriedade trágica dos gregos; na retórica dos agitadores de porta de fábrica; na Bíblia de Lutero; na miséria operária” (p. 9).

A *Santa Joana dos Matadouros* pode ser considerado um drama didático que pré-anuncia o surgimento do célebre “teatro épico”. Nele, os elementos orais heterogêneos, do canto ao verso, desempenham um papel importante para compor uma estrutura coral que escapa do psicologismo e da intriga do drama burguês. Teatro didático, como foi dito anteriormente, cujo *pathos* é constantemente invalidado pelo tom surreal, grotesco e caricatural. Teatro antinaturalista, de alguma forma, que oportunamente Schwarz compara com

a tipologia artística e ideológica do pintor George Grosz. Explica Brecht: “Essa dramaturgia exige do espectador uma atitude bem determinada. Ele deve ser capaz de acompanhar a sucessão de acontecimentos em cena com a postura de quem está decidido a aprender, deve ser capaz de compreender o modo como esses acontecimentos estabelecem múltiplas conexões no todo formado pelo desenrolar da peça” (p. 198). E, mais uma vez, cabe ressaltar como essa concepção dramática necessita recorrer a uma linguagem modular para atingir no palco a sua plena potencialidade expressiva, potencialidade que precisou ser mantida na tradução. Ainda segundo Roberto Schwarz: “Por serem assuntos “baixos”, a exploração de classe e a carne enlatada são tratadas em *Santa Joana* em linguagem nobre, emprestada de Hölderlin e Goethe. O efeito de profanação é ostensivo e encarna, para ser breve, as objeções do materialismo ao idealismo e dos explorados à celebração do homem “em geral”. Entretanto, note-se que a outra face da moeda é tão ou mais importante: eis aí, expressas com excelência, no verso mais armado da literatura alemã, a luta de

classe e a fabricação de salsichas (...)” (p. 11).

Nesse emaranhado de vozes, uma irônica celebração do capitalismo é declamada grotescamente por Slift: “O que Bocarra promete ele cumpre./ Irmãos, que momento! O mercado volta à vida/ O pior já passou, a crise está vencida./ Benditos os empregadores, benditos os empregados/ Que à fabrica tornam felizes e congraçados./ A voz da razão ouvida com maturidade/ Trouxe o bom senso à nossa sociedade./ Abram-se os portões, funcione o parque industrial/ É no trabalho que se entendem proletariado e capital” (p. 80).

E os trabalhadores repetem o refrão aliterado: “Que, se não for à força, não vai/ Nem vai se a força não for de vocês” (p. 142 e 144). Joana Ihes replica liricamente: “Alto, parem de aprender!/ Estas lições são gélidas!/ Combatam, sim, a desordem e a confusão/ Mas não pela violência./ Embora a tentação seja forte!/ Mais uma noite destas e mais uma destas/ Asfixias silenciosas e mais/ Ninguém saberá se conter. É certo que já vocês/ Passaram muitas noites de muitos anos/ Juntos aprendendo/ Estas lições frias e tremendas. É certo tam-

bém que se somam/ A violência à violência no escuro/ E o fraco ao fraco e que os atritos sem solução/ Também se somam” (p. 144).

Ainda, quando o sistema produtivo entra em colapso, pois os empregados sob risco de perder o emprego são também os consumidores que deveriam reger a demanda de consumo no mercado, o texto chega ao seu clímax nas palavras de Bocarra: “Estimado Mister Snyder, o senhor não percebeu/ O essencial da situação. Os muitos/ Que estão lá fora SÃO ELES OS NOSSOS COMPRADORES (...) Parece inverossímil, não é? (...) Muitos dirão que eles são vulgares e mesmo supérfluos/ E às vezes incômodos, mas o olhar experiente/ Não se engana e sabe que o comprador SÃO ELES!/ Analogamente, e muitos não entenderão, é necessário/ Dispensar um terço dos trabalhadores, pois/ O mercado de trabalho também se abarrotou/ E a mão-de-obra tem que estar sob controle” (p. 170).

Em suma, ninguém melhor que Roberto Schwarz, crítico e teórico literário de formação mar-

xista e atento e culto conhecedor da matéria, como tradutor, para dar conta do marxismo de Brecht, que se problematiza a qualquer instante: os conflitos sociais são abordados através de uma análise prismática que “mostra” antes de “demonstrar”. Não obra-tese e sim de reflexão analítica sempre estimulada a descortinar contradições e oportunismos, quer no sistema capitalista-burguês, quer na ação humana.

A Santa Joana dos Matadouros, em tradução de Schwarz, foi publicada pela primeira vez pela Paz e Terra, editora que também lançou o teatro completo de Brecht em 12 volumes. O dramaturgo alemão é, sem dúvida um autor bastante traduzido no Brasil. Contudo, essa última reedição chega no momento certo, pela conjuntura histórica e política mundial e porque os textos dramáticos de Brecht não deixam de constituir um admirável exemplo de arte a serviço, mas não súbica, das ideias.

Andrea Santurbano
UFSC